

# A RECEPÇÃO DA LITERATURA DE HILDA HILST

Edson Costa Duarte  
Doutor em Literatura (UFSC)  
duarteazul@ig.com.br

## RESUMO

Este ensaio tem como objetivo mostrar como, ao contrário do que Hilda Hilst afirmou em muitas entrevistas, sua literatura sempre teve espaço garantido na imprensa e tem sido cada vez mais estudada nos meios acadêmicos. As reclamações da escritora de que não era lida, só procedem se considerarmos que, embora muitos críticos de renome tenham escrito sobre sua obra, nenhum deles se debruçou mais tempo sobre o trabalho literário de Hilst, nem fez um estudo mais extenso e completo sobre ele. Fato que aconteceu com as obras de Guimarães Rosa e Clarice Lispector, por exemplo. O desejo de Hilst era ser popular, ser lida, daí a sua reiterada indignação, mas dez anos depois de sua morte, embora haja toda uma movimentação em torno de sua figura pública, o que pensamos é que seus textos nunca se popularizarão.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura de Hilda Hilst, entrevistas, recepção crítica, popularidade.

## ABSTRACT

This paper aims to show how, contrary to what Hilda Hilst said in many interviews, his writing always had a guaranteed space in the press and has been increasingly studied in academia. The writer claims that she was unread, proceed only if we consider that, although many critics of repute have written about his work, none of them leaned over time on the literary work Hilst, nor did a more extensive and thorough study about it . Something that happened with the works of Guimarães Rosa and Clarice Lispector, for example. Hilda's will was to be popular, readable, hence its repeated outrage, but ten years after his death, although there is a whole movement around her public figure, What we think is that her writings will never be popular.

**KEYWORDS:** Hilda Hilst literature, Interviews, Critical Reception, Popularity.

Hilda Hilst (Jaú/SP, 1930 – Campinas/SP, 2004), desde o início de sua carreira literária, quis ser popular, lida e reconhecida pelos leitores e críticos. Ela sempre foi o porta-voz de seu próprio elogio, mesmo quando sua obra poética é ainda incipiente. Na busca de ser lida, primeiro escreverá uma poesia de fácil entendimento, feita nos moldes da tradição literária, sem nenhuma inovação, depois escreverá seu teatro (1967-1969), porque, segundo ela, ela sentia uma premente necessidade de comunicação.. Muito mais tarde, Hilst tentará a popularização pela nomeada “bandalheira”. É quando publica a “trilogia erótica”, O caderno rosa da Lori Lamby (1990), Contos d’Escárnio. Textos grotescos (1990), Cartas de um sedutor (1991), e depois Bufólicas (1992). O que a escritora consegue é vender um pouco mais de livros, ser finalmente traduzida na Itália e na França e gerar muita revolta, ira e ressentimento de amigos e não-amigos.

Aí, sucintamente descritos, a constante indignação, desgosto e desencanto da escritora. Ela consegue fazer a grande literatura que sonhava fazer, obtém prestígio. Mas “prestígio” significa “ilusão”, como ela mesma costumava declarar, e Hilst queria mais que isso, queria ter o reconhecimento digno da obra que criou. Como isso não acontece, temos a eterna ladainha da vitimologia e da inflação do “ego” que, para defender-se, a si mesmo se exalta. O desejo de reconhecimento é a vontade de perenizar-se por meio da permanência da obra. Hilst se considera uma grande escritora, mas demorará muito tempo para ter consciência de que dificilmente será popular. Por isso sente-se injustiçada e ataca: “canalhas” de editores, “canalhas” de leitores, “canalha de mundo”. O mundo tem outros centros gravitacionais e nos momentos de indignação Hilst se cega para isso.

O que se pode afirmar é que ao longo de cerca de cinquenta anos, Hilst escreveu uma obra multifacetada e singular. Escreveu poesia e teatro até 1969, depois deu início à sua ficção, quando publicou Fluxo-floema, em 1970, com prefácio do importante crítico Anatol Rosenfeld. Deste ano até o fim de sua vida, Hilst alternou a publicação de livros de prosa e poesia, e nunca mais escreveu teatro. A recepção de Fluxo-floema assenta o reconhecimento da importância da literatura da escritora. A partir de então, aparecerem alguns textos fundamentais para o entendimento do trabalho de Hilst, e também um excesso de textos, publicados em jornais e

revistas, que além de se restringirem à mera repetição superficial de opiniões alheias, que reforçam o mito da escritora genial e incompreendida, revestindo, muitas vezes, a literatura da autora com uma aura de impenetrabilidade, como se ela fosse só para iniciados.

A mescla da obra com os dados “biográficos” da escritora (o isolamento voluntário na Casa do Sol, em Campinas, a partir de 1965; as gravações de vozes de pessoas supostamente mortas; o “contato” com discos voadores etc.) contribui ainda mais para realçar esta aura de mistério atribuída à literatura hilstiana. A esses dados, somem-se algumas declarações desconcertantes da própria Hilst, como a de que ela sabia ter escrito um excelente trabalho, chegando a afirmar, numa entrevista, que desde que começou a escrever sentia que seria grande escritora, e que fez um trabalho de primeira qualidade: “Sou meio megalômana mesmo. Não entendo nada de teoria literária, mas sinto que o que escrevo é bom. Desde o início, sentia que ia ser um grande poeta.”<sup>1</sup>

Muitas vezes, este quadro descrito tem dificultado uma leitura menos ingênua, mais atenta e vagarosa, mais isenta da obra da escritora, fazendo-nos crer (quando lemos muitos dos textos sobre Hilst) que sua literatura é imune a críticas. Um dos perigos de nos colarmos à ficcionalização de si mesma feita por Hilst, em muitas entrevistas, é levar ao pé da letra todas as suas declarações. Quanto à indignação da autora pelo alegado descaso por sua obra (esta foi uma questão recorrente nas entrevistas da escritora), temos que ficar distantes da imagem de vítima, criada por Hilda mesma e pela crítica mais fervorosa e exaltada. Uma considerável parcela da crítica acabou sendo contaminada pelas recorrentes declarações de Hilst, e numa espécie de defesa da escritora, exagerou demais na tinta. Este excesso de benevolência levou a um histrionismo, que além de não aumentar o interesse dos leitores pela obra hilstiana, causou o desconhecimento de sua grandeza e de seus excessos, recobrando-a com epítetos sem sentido. Ademais, o fato mais grave é que muitos escritores e críticos tomaram como ofensa pessoal as declarações de Hilst, e as opiniões expressas nos textos jornalísticos mais inflamados. Aí, acende-se a fogueira das vaidades.

Até o ano de 2001, quando assina contrato com a editora Globo para a publicação de sua Obras reunidas, inúmeras vezes Hilda declarou que não era reconhecida como grande escritora, reclamando da pouca atenção dada à sua produção literária. No entanto, já fazia muito tempo que sua obra tinha espaço garantido na grande imprensa, e com o tempo foi sendo cada vez mais estudada no meio acadêmico, mesmo que se saiba que apenas uma pequena fatia dos leitores teve realmente interesse e perseverança para lê-la.

Quanto à imprensa, uma pesquisa preliminar, no acervo documental da escritora (depositado no Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulalio”, CEDAE, na U-NICAMP), por mim organizado, me permitiu a contabilização mais de 650 textos sobre sua obra, publicados em jornais e revistas do Brasil e do exterior. Este dado contraria as afirmações de descaso feitas pela autora, ao longo de sua vida. Mesmo que saibamos que durante anos a escritora não teve a visibilidade merecida, não podemos esquecer que críticos importantes, desde a década de 1970, reconheceram a excelência de sua produção literária.

Este enorme número de textos, no entanto, não possibilita um enquadramento mais claro da obra hilstiana na literatura brasileira contemporânea. Em parte, isso se deve à singularidade de sua obra, que nunca se afinou com nenhum movimento ou corrente literários brasileiros de sua época. Por outro lado, os textos que buscam relações da obra de Hilst com a de outros escritores raramente aprofundam o que afirmam. O mais complicado é quando num único texto se encontra uma prodigiosa avalanche de nomes e citações. A preocupação em buscar uma possível “rede de influências” muitas vezes é prejudicial para o entendimento da singularidade de obras como a de Hilst.

Muitas dessas matérias jornalísticas citadas são assinadas por críticos conhecidos. Nos anos 1950 e 1960, aparecem apenas notas, tímidas resenhas e poucos textos mais ensaísticos. Depois, nos anos 1970, ocorre um aumento considerável da quantidade dos textos, podendo-se selecionar alguns que são muito precisos nas considerações feitas a respeito da obra de Hilst. Nos anos 1950 e 1960, encontram-se textos de Sérgio Buarque de Holanda, Sérgio Milliet, Jorge de Sena, Wilson Martins e Anatol Rosenfeld. Nos anos 1970 a 2000: Nelly Novaes Coelho, Sábato Magaldi, Leo

Gilson Ribeiro, Ivan Junqueira, Flora Sussekind, Augusto Massi, Cláudio Willer, Jorge Coli, Berta Waldman e Vilma Arêas, Eliane Robert Moraes etc. A partir de 2001, quando da edição das Obras reunidas de Hilda Hilst, fica a cargo de Alcir Pécora, docente da Unicamp, a redação das notas introdutórias de todos os volumes.

## AS PRIMEIRAS CRÍTICAS ESCRITAS SOBRE HILDA HILST

Meus poemas nascem porque precisam nascer. Nascem do inconformismo. Do desejo de ultrapassar o Nada. As emoções sentimentais raramente inspiram a minha poesia que quase sempre surge de um problema maior – o problema da morte, não no sentido metafísico de tudo quanto possa advir depois de acontecida. O que faz nascer a minha poesia é a não aceitação de que um dia a vida se diluirá e, com ela, o amor, as emoções do sonho e toda essa força potencial que vive dentro de nós.<sup>2</sup>

Hilda Hilst

A leitura do material crítico, das décadas de 1950 e 1960, nos mostra que os textos desta fase são polidos, elogiosos e apontam para uma obra poética em amadurecimento. Sérgio Milliet dirá que Hilst é capaz de exprimir as coisas mais simples e essenciais<sup>3</sup>. Sergio Buarque de Holanda aponta para uma arte em crescimento, ainda imatura<sup>4</sup>. Lygia Fagundes Telles escreverá que os versos de Hilst são buscam o ritmo requintado, nem a imagem poética preciosa, e que ela faz uma poesia impregnada de um suave sopro lírico<sup>5</sup>. Outros críticos falarão que Hilst canta o amor ao abrigo das formas tranquilas, e que seus versos são límpidos e claros, de um lirismo manso, encantadora simplicidade, vida vivida e sofrida etc. Aí estão as marcas de uma mansidão da poesia reveladora de uma linguagem que não tem corpo estruturado ainda, fazendo-se dentro de uma intenção de ser compreendida, ser popular, ser lida por muitos (afirmação quase sempre presente em entrevistas da escritora, desde essa época). Tanto se pode notar essa preocupação da escritora, que no ano de 1959, o jornal Diário de S. Paulo<sup>6</sup> publica, na 4ª secção da primeira página, o seguinte poema de Hilst, do livro *Roteiro do silêncio*:

As coisas que procuro  
Não tem nome.  
A minha fala de amor

Não tem segredo.

Perguntam-me se quero  
A vida ou a morte.  
E me perguntam sempre  
Coisas duras.

Tive casa e jardim.  
E rosas no canteiro.  
E nunca perguntei  
Ao jardineiro  
O porquê do jasmim  
- Sua brancura, o cheiro.

Queiram-me assim.  
Tenho sorrído apenas.  
E o mais certo é sorrir  
Quando se tem amor  
Dentro do peito.

Por que, do livro em questão, a escritora permitiu que se publicasse exatamente um dos poemas mais fracos? A justificativa pode ser que uma publicação em jornal, não deve primar pelo elaborado e complexo. Mas, nesse mesmo ano, Hilst diz numa entrevista:

Todos os homens sensíveis, todos os que meditam sobre o sentido da vida, da literatura, da artes, chegam desgraçadamente às mesmas conclusões de negação.

Abrem-se então bem poucos caminhos: o do escárnio, o da torre de marfim, o do cinismo, por qualquer um deles que se enverede tem-se a recusa<sup>7</sup>.

E cinco anos antes, em 1954, dá a desconcertante declaração:

(...) as mulheres em geral são chatíssimas; em literatura a gente escolhe a dedo uma ou outra; e depois eu quero é que elas não me aborream<sup>8</sup>.

A poesia feita por Hilst nessa época demonstra a distância entre o que se pensa e fala e a efetiva realização estética. A poeta precisará de muitos anos de trabalho para conseguir a linguagem rica e dilacerada de sua poesia. É ainda bastante ingênua a

poesia desta mulher inteligente, audaz e desconcertante. Talvez seja esse o motivo da irritação de Wilson Martins<sup>9</sup>, quando afirma que Hilst é uma escritora cerebral e tenta fazer com que o leitor se emocione, fazendo um “lirismo feminino extremamente intelectualizado”. Martins capta, a meu ver, a contradição da poesia primeira de Hilst (que é a busca de racionalizar o que sente para poder chegar a uma realização estética mais apurada), que na poesia desta fase não se resolve. A poeta precisará de muitos anos de intenso trabalho para conseguir a qualidade poética que demonstrará mais tarde. Muitos anos depois Wilson Martins voltará a criticar a poesia da escritora<sup>10</sup>, num texto intitulado “O império dos sentidos”, sobre o livro de poemas *Do desejo*, de 1992. Neste texto, o crítico nos mostra que desconhece a evolução da poesia da escritora (compara a poesia de Gilka Machado e a de Hilda Hilst). Aqui, temos a distância entre a crítica mais objetiva que critica o criticável e a crítica suicida, que ao tentar matar o texto já imortalizado, mata-se a si mesma na “fogueira das vaidades”.

## CRÍTICA DAS DÉCADAS DE 1970 A 2000

A crítica destas décadas é bastante elogiosa, com poucas exceções, cumpre seu papel da omissão (quando não gosta) e do exagero superlativo (quando ama). Hilda escreve, nessa época, sua prosa, uma importante renovação na literatura brasileira. Já havia escrito seu teatro (entre 1967 e 1969). Começa a fazer poesia de qualidade. Ela ocupa definitivamente seu espaço. E ainda reclama da pouca atenção dada à sua obra. Ela sabe da importância de sua literatura, não poupa farpas a leitores, editores e escritores. Cria ao redor de si mesma a redoma de vidro, a torre de marfim (no caso, “a torre de capim”, segundo a escritora, pois a partir de 1965 vai morar no campo, na fazenda que pertencia à mãe, nos arredores de Campinas), o espelho da vaidade. A vaidade de Hilst transforma-se aos poucos na vaidade da crítica. O caso mais sintomático, a meu ver, é o de Leo Gilson Ribeiro. Embora tenha admirado tanto a obra da escritora, a ponto de tornar-se seu amigo, quando Hilst publica a trilogia erótica (1990-1991), ele rompe com ela. Ribeiro ficará anos sem escrever uma linha sequer sobre a obra de Hilst, contraditoriamente é o crítico que mais escreveu em jornais e revistas sobre ela. A vaidade de Hilst transforma-se aos poucos na vaidade de

uma legião de críticos pouco preparados que escrevem sobre sua obra, eles apenas repetem os críticos mais importantes (Anatol Rosenfeld, Nelly Novaes Coelho etc.), muitas vezes deformando no exagero da linguagem uma análise antes correta, clara e consistente. A eles, a vaidade queima.

Esse extenso material crítico, publicado na grande imprensa, deverá ser investigado criteriosamente, um dia, para que se possa estabelecer com mais precisão e clareza a procedência ou não das opiniões nele emitidas. Dando uma rápida visão de seu conjunto, de um modo geral, pode-se dizer que apenas poucos textos são propriamente críticos, pois a maioria dos autores contenta-se em fazer eco aos críticos mais reconhecidos. Além disso, a partir dos textos de Leo Gilson Ribeiro, com raríssimas exceções, os textos expressam o caminho do elogio incondicional. Durante décadas, a leitura e o efetivo conhecimento da obra de Hilst foram dificultados por alguns fatores. Um deles é que a autora publicou seus livros em tiragens pequenas, com uma distribuição muito falha, e quase sempre em pequenas editoras. um pequeno editor de São Paulo, foi o mais fiel à escritora. Fez livros lindíssimos, mas não os distribuía provavelmente por falta de dinheiro para pagar um distribuidor. Outro importante fator a ser mencionado é que na poesia e no teatro Hilst estabelece um diálogo com a tradição, mas na prosa ela mistura os gêneros literários de uma maneira contundente, o que traz bastante dificuldade aos leitores.

Esses fatores apontados, dentre outros, fizeram com que a literatura hilstiana fosse pouco conhecida e estudada. Aos leitores, restou contentar-se em ler as entrevistas de Hilst, e o que se escrevia sobre ela, sem muitas vezes ter acesso à própria obra. Como a maioria dos textos, que saíram em jornais e revistas, sempre privilegiou mais os aspectos biográficos da escritora, o anedotário em torno de Hilst foi crescendo e tomando uma importância muitas vezes maior que sua própria literatura, como comenta Alcir Pécora:

A parte do trabalho que me cabe, enquanto organizador do conjunto, supõe a consideração de alguns aspectos que articulam a minha própria experiência de leitor assíduo da obra de Hilda. Quando escrevo isto, penso, antes de mais nada, que gostaria de reduzir ao máximo a submissão do principal - os textos - ao supérfluo armado pelo vasto pitoresco produzido a respeito da autora, com maior ou menor assentimento dela própria: as vastas quantidades de cachorros e amantes, a frivolidade do upperclass paulista nos anos 50, as insólitas transmissões do além e aparições alienígenas, a loucura paterna, o open house etc. Reduzir, digo, não por ser

ou não verdadeiro o diz-que-diz: não se trata de nenhum amor da verdade biográfica que me anima a evitar tudo isso, por mais divertido ou pouco convencional que pareça. Não me interessa o anedotário, simplesmente porque dá a falsa impressão de esgotar as possibilidades de leitura atenta de seus textos, que são muito mais complexos, inteligentes e criadores do que as tais circunstâncias curiosas ou excêntricas querem ou podem sugerir<sup>11</sup>.

Iniciada em 2001, a edição das obras reunidas da escritora, pela Editora Globo, mudou bastante esta situação. Agora, em qualquer livraria do país é possível encontrar os livros de Hilst, e em cada um deles uma pequena apresentação, além de uma bibliografia e biografia da escritora. Ao que parece, o que faltava para um aumento dos leitores era mesmo uma melhor distribuição dos livros. A crítica acadêmica tem se interessado cada vez mais pela obra de Hilst, as adaptações para teatro e cinema são cada vez mais frequentes, e as traduções de seus livros também aumentaram muito. Como a Globo tem uma excelente distribuição, claro que as vendas dos livros de Hilst aumentaram.

A pergunta que fica é se realmente o número de leitores, daqueles que compram o livro e realmente leem, também aumentou, ou se como a literatura de Joyce, Beckett entre outros, a de Hilda também será compreendida por um número reduzido de críticos acadêmicos e leitores eventuais. Parece-me que há muito Hilda virou um mito, e que depois de morta, essa mitificação aumentou demais, fazendo com que as pessoas falem empolgadamente dela, mas será que a literatura de Hilda está se tornando realmente digerível?

Uma hipótese que deve ser levada em conta, sobre a recepção da obra hilstiana foi feita, há mais de 30 anos, por Bruna Becherrucci que, com ferocidade, escreveu numa resenha sobre *Tu não te moves de ti*:

Entre decifrar e interpretar há uma diferença básica; aquela que se pode achar entre um hieróglifo egípcio, ou uma inscrição etrusca e uma peça de Eurípedes ou uma parábola evangélica. Hilda, escritora, poeta, teatróloga é mais perto da inscrição etrusca e do hieróglifo egípcio. O livro dela consagra uma espécie de preguiça humana, um egoísmo pelo qual o homem é herói de si mesmo, impossibilitado de sair de si para admitir uma existência de um outro universo. Os três flashes de Hilda: Tadeu (da razão), Matamoros (da fantasia) e Axelrod (da proporção) repisam afinal todos os refrains da vida, particularmente da atual, em palavras sibilinas numa linguagem angustiada e livre que obriga o leitor a decifrar pensamentos e ideias da autora. Influenciada pelo hermetismo poético (e já a palavra passou através de tantas mãos e interpretações que não têm mais um significado) escreve um

livro para pouquíssimos que compreendem, para muitos que afirmam que compreendem (mas não compreendem) e para muitíssimos que não têm a coragem de declarar que nada compreenderam. Hilda escreve para si mesma, para sua torre e marfim, dedicada ao indecifrável<sup>12</sup>.

Depois de dez anos da morte da escritora, embora tenha aumentado o entusiasmo, em seu sentido original, de inspiração ou possessão por uma entidade divina, entusiasmo mitificador que sempre a rondou, a dúvida sobre a “digeribilidade”, sobre a popularização, dos textos de Hilda ainda vai ficar ecoando ainda durante muito tempo.

## REFERÊNCIAS

BECHERRUCI, Bruna. *Lembranças do passado*. Vogue (no 59), São Paulo, Carta editorial, maio de 1980. p. 33-34.

Entrevista de Hilda Hilst. In: O Estado de S. Paulo, São Paulo, set. 1959. p. 1-2.

Entrevista de Hilda Hilst. In: Jornal de Letras, São Paulo, 1954. p. 4-5.

HOLANDA, Sergio Buarque. *O fruto proibido*. Folha da manhã, São Paulo, 2 set. 1952. p. 3-6.

HILST, Hilda. In: Diário de S. Paulo, São Paulo, 21 jun. 1959. *As coisas que procuro*, poema do livro Roteiro do silêncio, publicado no mesmo ano.

MARTINS, Wilson. *Últimos livros*. Sem indicação de jornal, 27 jan. 1962. p.6-7.

*O império dos sentidos*. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 11 set. 1993. p. 4-5.

MILLIET, Sérgio. *A propósito de uma trovadora*. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 5 out. 1960. p. 1-3.

PÉCORA, Alcir. *O corpo do texto*. Ensaio originalmente publicado em Reportagem, nº 29, jan. 2002. Disponível em: <<http://www.oficinainforma.com.br/semana/leituras-20020413/03.htm>>

STYCER, Mauricio. *Hilda Hilst*. Folha de São Paulo, São Paulo, 16 abril 1997. p. 1-2.

TELLES, Lygia Fagundes. *Poesia acima de tudo*. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 16 jul. 1950. p. 1-2.

**Como citar este artigo:**

DUARTE, Edson. A Recepção da Literatura de Hilda Hilst **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 18, jul.-ago. 2014, p. 135-145. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num18/estudos/palimpsesto18estudos03.pdf>. Acesso em: *dd mmm. aaaa*. ISSN: 1809-3507

<sup>1</sup>STYCER, Mauricio. Hilda Hilst. Folha de São Paulo, São Paulo, 16 abril 1997. p. 2.

<sup>2</sup>Sem indicação de autor. Jornal de Letras, São Paulo, fev. 1952. Trecho de um depoimento da escritora.

<sup>3</sup>MILLIET, Sérgio. A propósito de uma trovadora. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 out. 1960. p. 1.

<sup>4</sup>HOLANDA, Sergio Buarque. O fruto proibido. Folha da manhã, São Paulo, 2 set. 1952. p. 3.

<sup>5</sup>TELLES, Lygia Fagundes. Poesia acima de tudo. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 16 jul. 1950.

<sup>6</sup>HILST, Hilda. Diário de S. Paulo, São Paulo, 21 jun. 1959. Poema do livro Roteiro do silêncio, publicado no mesmo ano.

<sup>7</sup>Entrevista de Hilda Hilst. O Estado de S. Paulo, São Paulo, set. 1959. p.2.

<sup>8</sup>Entrevista de Hilda Hilst. *Jornal de Letras*, São Paulo, 1954. p. 4.

<sup>9</sup>MARTINS, Wilson. Últimos livros. Sem indicação de jornal, 27 jan. 1962. p. 7.

<sup>10</sup>MARTINS, Wilson. O império dos sentidos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 set. 1993. p. 4-5.

<sup>11</sup>PÉCORA, Alcir. O corpo do texto. Ensaio originalmente publicado em *Reportagem*, nº 29, jan. 2002. Disponível em: <<http://www.oficinainforma.com.br/semana/leituras-20020413/03.htm>>.

<sup>12</sup>BECHERRUCI, Bruna. Lembranças do passado. *Vogue* (no 59), São Paulo, Carta editorial, maio de 1980. p. 34.